



## OS IMPACTOS DO NEOLIBERALISMO FRENTE ÀS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL

João José Tomaz Aquino de Moraes<sup>1</sup>  
Thiago Alves Moreira Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo, tem como escopo apresentar o quão impactante são as políticas neoliberais na educação brasileira. Para tanto, inferimos que através de tais políticas, o neoliberalismo destoa completamente do real sentido de uma educação de qualidade. O estudo aqui exposto tem por objetivo debater o impacto do neoliberalismo diante as políticas educacionais no Brasil, afim de explicitar os males que o efeito neoliberal afeta a educação. A necessidade de efetivar um estudo como esse é de suma importância, pois enquanto educadores, devemos ter o senso crítico acerca do nosso modelo educacional, para que assim possamos ter uma educação de qualidade e igualitária. O aparecimento da ideologia neoliberal, assinala uma desestruturação do campo educacional brasileiro com a progressiva negação dos direitos sociais, dentre eles a educação. Vemos, portanto, que o afastamento do estado da sociedade traz impactos negativos e significativos à classe trabalhadora, que tem seus direitos de promoção ao conhecimento cessados através da assolação da educação pública, dentre outros direitos sociais. Este é um estudo qualitativo de cunho bibliográfico, no que se diz respeito a obras de autores que discutem a implementação de políticas educacionais e como o neoliberalismo afeta a qualidade da educação, através de ideais das classes hegemônicas, destoando assim, o real sentido da educação. Analisando assim, o modelo educacional vigente onde procura aprofundar essas relações frente ao neoliberalismo. Assim sendo, acreditamos no remodelamento e sistematização do contexto educacional do Brasil para que todos os estudantes tenham o direito à uma educação descente e qualitativa, possibilitando assim, um maior entendimento ético e crítico, bem como a participação na sociedade com seus direitos e deveres garantidos. Afim de efetivar sua principal função, a humanização.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo, Políticas Educacionais, Educação Brasileira, Educação.

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que no contexto histórico brasileiro a educação vem sendo alvo de grandes debates e transformação ao longo do tempo. Nesta conjectura, vemos que o desenvolvimento educacional depende de investimentos públicos para uma educação pública de qualidade no Brasil. Porém, temos um fator que difunde a educação de tal maneira a ponto de termos duas educações totalmente distintas, uma educação para a classe trabalhadora e outra para a burguesia.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA - CE, joao.aquino@urca.br

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor, Universidade Regional do Cariri - URCA - CE, thiago.moreira@urca.br



Assim, o neoliberalismo em relação a educação faz com que possamos perceber a existência de duas raças humanas distintas, uma vez que o sentido da educação, afim de manter os objetivos do capital, disponibiliza à classe trabalhadora uma experiência educacional limitada, visando os interesses da reprodução do capital, do controle ideológico em sua faceta neoliberal.

Neste sentido, temos duas educações totalmente diferentes. Por via de regra, a educação para os filhos dos burgueses, os grandes detentores dos meios de produção, é uma educação para a formação dos dirigentes, para o desenvolvimento de seus ideários no campo econômico e político, passando de geração em geração. Já a educação para a classe trabalhadora visa formar pessoas com o mínimo de conhecimentos possíveis, para que possam servir de mão de obra qualificada e barata, afim de serem explorados pela burguesia.

No princípio, a educação era espontânea, não sistematizada: aprendia-se a trabalhar no ato do próprio trabalho. Os conhecimentos eram de posse e acessível a todos os membros da comunidade, e o trabalho somente sofria a divisão por gênero. A partir do surgimento das classes sociais, uma parcela da população se liberta da obrigação de produzir sua própria condição de vida através do ato da transformação da natureza, ao mesmo tempo em que obriga outra parcela da população – essa mais numerosa – a continuar trabalhando, agora para si e para essa classe proprietária dos meios de produção – a terra. Assim, nessa classe dos proprietários, surge o tempo livre. As elites precisavam dignificar o ócio, porque o trabalho era indigno, sujo, reservado as camadas inferiores. Com o decorrer do desenvolvimento do ser humano, os meios de produção e o avanço tecnológico, atrelados a necessidades do cotidiano, ocasionou a necessidade de universalização da escola, tendo início na transição da economia rural para a urbana, promovida pela Revolução Industrial.

Na contemporaneidade, a escola como um espaço para a transmissão de conhecimentos científicos, artísticos, e filosóficos é cercada por contradições acerca de disputas ideológicas. Ao formar o cidadão, a escola coloca em prática o ideário burguês em sua vertente neoliberal. Assim, a educação se encontra em uma verdadeira encruzilhada: como garantir o acesso ao conhecimento sistematizado à classe trabalhadora se a sua negação é de interesse da burguesia?

Assim, podemos inferir que a burguesia, em especial no modelo econômico neoliberal, detém o poder no campo econômico e ideológico, contando com o papel crucial do estado que, afastado da questão social, é forte em relação aos objetivos do capital, tendo a função de decidir, regulamentar e executar as políticas educacionais.

A pesquisa aqui exposta, tem por objetivo debater o impacto do neoliberalismo nas políticas educacionais no Brasil, afim de explicitar os males que o neoliberalismo manifesta na



educação. A necessidade de efetivar um estudo como esse é de suma importância, pois enquanto educadores devemos ter o senso crítico acerca do nosso modelo educacional, para que assim possamos lutar pela construção de uma educação unitária<sup>3</sup> para todos em uma sociedade emancipada.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico no que se diz respeito a obras de autores que discutem a implementação de políticas educacionais, e como o neoliberalismo afeta a qualidade da educação, através de ideias das classes hegemônicas, destoando assim, o real sentido da educação. Desta feita, analisa-se o modelo educacional vigente, procurando discutir as relações da educação, mormente a escolar, frente ao neoliberalismo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O estado capitalista, para Marx; Engels (2007), é representante legítimo da burguesia, sendo este mesmo um mecanismo de reprodução do capital, o que demonstra sua natureza classista. Assim, podemos definir o capitalismo como um modo de formação social, acerca da manutenção do capital.

Entretanto, a partir da década de 1970, o capital, em relação à ontologia das relações entre capital, estado e educação, se vê em uma grande crise sem precedentes de caráter estrutural. Os rebatimentos dessa crise, desembocam nos mais diversos estratégias, não poupando direitos sociais como saúde e educação.

Podemos definir o neoliberalismo como um modelo político, econômico e ideológico que tem por função diminuir a atuação do estado. Em relação à educação, o neoliberalismo desenvolve e implementa políticas educacionais com o objetivo de inferir o processo de acumulação de riquezas e de aprofundamento do capitalismo. De acordo com Frigotto (2004),

---

<sup>3</sup> Para Gramsci (1995), essa educação parte da Escola Unitária, pois: É crucial considerar a carreira escolar em seus diversos níveis, de acordo com a idade e o desenvolvimento intelectual-moral dos alunos, bem como os objetivos que a escola tem como objetivo. A escola unitária de formação humanista (entendendo o termo "humanismo" de forma ampla, e não apenas no sentido tradicional) ou de cultura geral teria a responsabilidade de inseri-los em atividades sociais, de acordo com o seu grau de maturidade e capacidade, de criação intelectual e prática, além de uma certa autonomia na orientação e iniciativa.



subordinar a educação às leis do mercado, significa adotar um sistema utilitarista e imediatista, com vistas a suprir as necessidades do mercado de trabalho.

Ao analisar esses efeitos, é possível concluir que a criação do processo educacional tem mecanismos totalmente controlados para, dessa forma, defender a manutenção do capital. Assim, temos princípios neoliberais sobre como a educação deve proceder a partir dessa lógica. Podemos elencar aqui três princípios básicos neoliberais sobre a educação:

1. Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegurar que o mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional. [...]
2. Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. [...]
3. Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que, aliás, é coerente com ideia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar. (Marrach, 1996, p. 46-48).

Dessa forma, é possível entender que o neoliberalismo tem como foco a formação do cidadão, com papel de destaque para a escola. Nesse sentido, o mercado e as técnicas de gerenciamento esvaziam o conteúdo político, a cidadania substituirá os direitos do consumidor. É assim que o neoliberalismo vê alunos e pais. Assim, a escola está posta à marginalidade, ou seja, posta à margem. Sobre isso, Laval (2019), afirma que as dificuldades decorrentes de políticas liberais acentuaram o grau de marginalização. A exclusão de segmentos significativos da população e aprofundamento da desigualdade é um fator que interfere de diversas maneiras no funcionamento da escola.

Ao analisar as atividades pedagógicas contemporâneas, podemos observar como o modelo neoliberal se apresenta como um projeto de uma sociedade rendida ao capital. Hoje, o Brasil se depara com um modelo econômico de cunho social, político e ideológico onde está sendo corrompido e transmutado o contexto político brasileiro, afetando assim, a esfera educacional. Dentre muitas peculiaridades, o modelo neoliberal atua como fio condutor deste processo, conforme afirma Frigotto (1999, p.11) “[...] seu postulado fundamental é de que o mercado é a lei social soberana”.

Assim, ao fazer essa análise, podemos diagnosticar que pelo ideário neoliberal as demandas dos mercados são a única coisa a ser priorizada, norteando as demais estruturas organizacionais. São seus desígnios que assinalam a essência da ideologia neoliberal,

defendendo o estado mínimo<sup>4</sup> através da privatização de serviços, para o livre-arbítrio do mercado. Conforme, explana Marrach:

É uma ideologia que procura responder à crise do Estado nacional, ocasionada pelo processo de globalização, isto é, o processo de interligação crescente das economias das nações industrializadas por meio do comércio e das novas tecnologias. Enquanto o liberalismo clássico, da época da burguesia nascente, propôs os direitos do homem e do cidadão, entre os quais, o direito à educação, o neoliberalismo enfatiza mais o direito do consumidor do que as liberdades públicas e democráticas e contesta a participação do Estado no amparo dos direitos sociais. Representa uma regressão do campo social e político e corresponde a um mundo em que o senso social e a solidariedade atravessam uma grande crise. É uma ideologia neoconservadora social e politicamente. Por isso afirma-se facilmente que o cidadão foi reduzido a mero consumidor (Marrach, 1996, p. 93).

Pela lógica neoliberal, o mercado e seus pressupostos passam a ser fator determinante frente às relações sociais e políticas. Assim sendo, essa lógica compõe e consolida a mercantilização da questão social, com especial ênfase na educação, ao atrelar a lógica do mercado, deixando de ser considerada direito e passando a categoria de serviço.

Saviani (2009), assinala que as políticas públicas efetivamente determinadas em nosso país, no âmbito neoliberal paulatinamente isentam do estado de um encargo pelo desenvolvimento da educação no país, para tanto vale-se de leis, decretos e discursos.

Essa situação exerce uma influência direta no contexto educacional, afetando elementos cruciais como a formação de profissionais da educação, o desenvolvimento dos estudantes e o financiamento da educação. Isso ocorre porque as políticas educacionais, gerenciadas pelo Estado, alinham-se aos objetivos do capitalismo, perpetuando assim, a lógica neoliberal e mercantilista.

Este modelo se desvia e seduz a sociedade civil com falácias sobre a educação, promovendo produtivismo e competição. Dessa forma, concluímos que a educação escolar ocorre através da construção do saber, transformando o ensino em um processo de investigação. Assim, adota-se um neoescolanovismo, cujo lema é "aprender a aprender". Sobre esse ideário, Newton Duarte afirma que:

O que é educar? Quem é o homem que se educa? Educa-se em razão de quê? Certamente, qualquer um de nós educadores responde essas perguntas sem maiores dificuldades e também, provavelmente, com poucas discordâncias. Entretanto, são as respostas *certeiras, rápidas, consensuais* e, por que não dizer, já *prontas a tempos* que exigem maior cuidado, pois pouca atenção dedicamos ao que nos parece óbvio, e a obviedade obscurece a nossa razão (Newton Duarte, 2012, p. 48).

---

<sup>4</sup> Por estado mínimo entende-se como uma política adotada pelo neoliberalismo acerca da privatização de serviços, para assim defender os objetivos do capital.



A política maquiavélica neoliberal acaba por reservar aos cidadãos uma formação que limita a crítica, justamente por não disponibilizar o conhecimento clássico, de tal maneira que refaz o processo de formação humana, políticas públicas educacionais e, por conseguinte altera as experiências do cotidiano na educação da classe trabalhadora.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisarmos o impacto que o neoliberalismo impõe à educação brasileira, podemos constatar que a mesma é medida a partir de organismos internacionais, tais como: Comissão da Comunidade Europeia, Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Assim podemos afirmar, com Laval (2019), temos um verdadeiro “arcabouço de inteligibilidade”, mostrando como os promotores do neoliberalismo escolar operam através de uma estratégia de ação técnica de mudança que promove alterações no sistema de ensino, medidas isoladas em áreas específicas que só se justificam umas ligadas a outras. A educação se torna cada vez mais uma mercadoria, pois sob a gestão empresarial, é um serviço passível de cobrança.

No Brasil, presenciamos um contexto de desvalorização da educação, com ataques à escola e ao professor. Diz-se que o ensino reservado à classe trabalhadora é inócuo, pois não habilita ao trabalho (ou à conformação). A escola e a educação escolar tornam-se estratégias para a reprodução e a manutenção das desigualdades. À luz dessa afirmativa, Marx; Engels explanam que:

As ideias das classes dominantes são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual (Marx; Engels, 2009, p.67)

Podemos constatar que o agrupamento de políticas educacionais, forma-se um ambiente ancorado nos processos de reprodução do capital. Em síntese, o papel das instituições de ensino básico e/ou superior é visto como principal fonte de reprodução e “catequização” ideológica. Nesta perspectiva, podemos afirmar que:

Trata-se de formar, de forjar uma sociabilidade para os trabalhadores com base numa vida sem direitos. Assim, o primeiro aprendizado é o da flexibilidade – é preciso ser flexível, maleável, estar pronto 24hs por dia para o trabalho, se e quando ocorrer. O



mercado é inflexível, rígido e impiedoso. [...] O termo em voga – e, como toda moda, não durará muito – é o de empreendedorismo. Deve-se formar trabalhadores para serem empreendedores de sua força de trabalho, sem esperar direitos ou igualdade, altamente competitivos e sem nenhuma forma associativa enquanto trabalhadores (Fontes, 2008, p.21)

Adotando a mesma linha de pensamento, acerca dos efeitos do neoliberalismo em relação às práticas educativas, podemos afirmar que:

Afastar a população da possibilidade de que venha a pensar a totalidade social, e, sobretudo, de que se perceba como integrante de enorme massa de trabalhadores sem direitos. Para isso, é preciso mantê-la nos níveis mais elementares de consciência, voltada apenas para algumas questões – e premências – as mais imediatas, de preferência locais e fragmentadas. Em termos gramscianos, significa reduzir a consciência ao âmbito corporativo, impedindo que se forme uma visão da totalidade do processo, uma visão ético-política contra-hegemônica. (*ibidem*, p. 22)

Seguindo nesta mesma via, frente à política neoliberal e educação escolar básica e/ou superior, podemos constatar que:

Como objetivo fundamental contribuir para o aumento da produtividade e da competitividade empresariais, prioritariamente dos setores monopolistas, de capital estrangeiro. À escola brasileira na atualidade cabe, em boa parte, desenvolver competências para a execução de tarefas simples e complexas na produção, no aparato estatal e também na sociedade civil, que venham garantir a reprodução ampliada do grande capital. A educação superior, por sua vez, passa a ter como prioridades, a partir de então, capacitar a força de trabalho para adaptar a tecnologia produzida no exterior e conformar este novo trabalhador qualificado às novas exigências da cultura empresarial, especialmente no que tange à aceitação, como naturais das desigualdades sociais, da competição acirrada entre indivíduos, grupos e classes e da perda dos seus direitos, conquistados ao longo da história (Neves, 2002, p. 26)

Assim, a educação escolar está impregnada pela doutrinação do capital, que a mantém como uma fomentadora de alienação e das desigualdades sociais. Nesta conjectura, podemos inferir que há uma interiorização das ideias neoliberais, objetivando assim, suas políticas em torno da educação. A educação, em seu caráter reprodutor, está somente centrada para os objetivos do capital, onde os conhecimentos repassados são de cunho mínimo para a classe trabalhadora, para que assim possam ser explorados pela burguesia. Sobre esse conceito, Mészáros (2008), afirma que a educação não é um negócio, é criação. Que educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida. Em acordo com o citado autor, Freitas expõe que:

Do ponto de vista das finalidades da educação, embora nem sempre explícitas, os reformadores visam a implementação de reformas educacionais, para, por um lado, garantir o domínio de competências e habilidades básicas necessárias para a atividade econômica revolucionada pelas novas tecnologias e processos de trabalho (Revolução 4.0) e, por outro, garantir que tal iniciativa se contenha dentro da sua visão de mundo que se traduz em um *status quo* modernizado. O objetivo final deste movimento é a retirada da educação do âmbito do “direito social” e sua inserção como serviço no interior do livre mercado, coerentemente com sua concepção de sociedade e de Estado. (Freitas, 2018, p.41-42)



Analisando assim o processo educacional brasileiro, podemos observar o modo como os ambientes pedagógicos são utilizados em benefício do mercado, distanciando-se assim, de uma educação qualitativa para a desenvolvimento humano. Existem, ainda, discursos que velam os reais interesses do capital, operando (ou tentando operar) o controle ideológico, em estratégias tais quais Escola sem Partido e Todos pela Educação<sup>5</sup>. Dado o exposto, vemos que estamos muito longe de uma educação de qualidade para a classe trabalhadora, ou seja:

Devido a crescente influência e confluências de diferentes culturas, visões de mundo e concepções éticas, torna-se vital encontrar caminhos para o processo formativo em termos de políticas públicas, de conteúdos e procedimentos pedagógicos. Essa é a grande questão que gera preocupação, incerteza e mesmo desânimo na maioria daqueles que trabalham com educação, fora ou dentro da escola (Goergen, 2016, p. 33).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, salientamos o quão impactante e terrível são as políticas neoliberais em torno do campo educacional brasileiro. A educação defendida pelo neoliberalismo tem como objetivo o acúmulo de capital, pois o que a burguesia transmite à parcela significativa da sociedade – a classe trabalhadora – através da educação são apenas conhecimentos básicos e repetitivos, voltados para a produtividade de grandes companhias que possuem os meios de produção e um aumento absurdo de lucros, subjugando a classe trabalhadora. Ao analisar o modelo educacional em vigor, a educação tem como objetivo aprofundar as relações sociais com o capitalismo.

Dado o exposto, é perceptível que o modelo educacional em vigor é viabilizado pelo capital. A responsabilidade do estado é de induzir a implementação e aceitação de políticas educacionais, sendo, dessa forma, o estado um aparelho ideológico da burguesia. Acerca dos conhecimentos repassados e implantados pela ideologia neoliberal, onde a mesma possui uma perspectiva do crescimento econômico e da mercantilização de direitos sociais, de mão de obra barata, desembocando em uma educação neotecnicista.

Ademais, as deliberações estabelecidas fomentam uma educação menos crítica à classe trabalhadora. Forma-se assim, uma classe a quem não são dadas as condições de compreensão de sua própria condição de explorada. Logo, o desmonte da educação fica à vista, privilegiando as elites em detrimento dos trabalhadores.

---

<sup>5</sup> Vemos aqui, que através de discursos moralistas, o neoliberalismo induz a população que temos uma educação de qualidade através de criação de tais programas com falácias expostas pela grande mídia brasileira, mas vemos que isso só trata da alienação e da indução neoliberal frente a população.





Por conseguinte, vemos que o neoliberalismo é um artifício ideológico e mercadológico do sistema capitalista, haja visto que influencia o sistema educacional brasileiro. Contudo, acreditamos na modificação do sistema educacional do Brasil para que todos os estudantes tenham o direito de uma educação digna e de qualidade, possibilitando um maior entendimento crítico, bem como a participação na sociedade e na luta por sua transformação, em um horizonte da emancipação humana.

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pela a oportunidade da realização de mais um trabalho. Agradeço à minha parceira Vaneide Amaral, pelo incondicional apoio que vem me dando no desenvolvimento de minhas pesquisas. Agradeço ao professor e meu mestre Thiago Alves Moreira Nascimento, por todos os ensinamentos a mim repassados, certamente ganhei um amigo para toda uma vida.

## REFERÊNCIAS

Duarte, Newton (org.) **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**: 2. Ed. rev. — Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Educação Contemporânea).

FONTES, Virgínia. *Conversando sobre política e classes sociais na atualidade*. In Políticas que produzem educação. Anais do 1º Ciclo de Conferências. Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores, 2008.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação, nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os delírios da razão**: Crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo, (Org.). *Pedagogia da Exclusão*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Prefácio. In: BIANCHETTI, Roberto G. *O modelo neoliberal e as políticas educacionais*. 2ª ed. São Paulo, Editora Cortez, 1999.

GOERGEN, Pedro L. **Formação Humana e Sociedades Plurais**. In: MÜHL, Eldon Henrique, DALBOSCO, Claudio Almir, CENCI, Ângelo Vitório. (Orgs). **Questões atuais em Educação**: sociedade complexa, pensamento pós metafísico, democracia e formação humana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.



Laval, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público [recurso eletrônico] / Christian Laval; tradução Mariana Echalar. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019. Recurso digital (Estado de sítio).

MARRACH, S. A. **Neoliberalismo e Educação.** In: GUIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). *Infância, Educação e Neoliberalismo.* São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56.

MARRACH, Sonia A. **Neoliberalismo e educação.** *Infância, educação e neoliberalismo.* São Paulo: Cortez, p. 93, 1996.

MARX, K. e ANGELS, F. *A Ideologia Alemã.* São Paulo, Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner. Editora Boitempo: São Paulo, 2007.

Mészáros, István, 1930 – **A educação para além do capital**/István Mészáros; [tradução Isa Tavares]. 2.ed. – São Paulo: Boitempo,2008. – (Mundo do Trabalho).

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores:** aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 143, 2009.